



a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES
DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO-RIO

OUTUBRO DE 1979 – Nº 26



SÃO VICENTE



20 ANOS

DIA DO MESTRE

Aconteceu no dia 15 de outubro sem que tenha sido oficialmente resolvido o impasse salarial que mobilizou este ano nossas Instituições escolares.

O ideal teria sido a manutenção de um clima de cordialidade, mesmo nos momentos mais tensos. Constatemos-nos, entretanto, com o mínimo: a permanência do diálogo no meio da divergência. Isso sempre é possível, suposta uma dose suficiente de maturidade e boa vontade.

De qualquer forma, é de todo desejável que venham à tona nossas reservas de gratidão e compreensão, de bem-querer e carinho e, sobretudo, nossas convicções de justiça e caridade cristãs para que nos disponhamos a prestar aos de nossa casa, na sinceridade e na verdade, a homenagem a que fazem sempre jus.

E, caso nos faltem as expressões mais apropriadas, peçamos socorro ao poema de Vinicius de Moraes e saudemos em cada Mestre o Amigo que gostaríamos de encontrar.

"PROCURA-SE UM AMIGO"

*"Procura-se um Amigo. . .
Não precisa ser homem, basta ser humano,
basta ter sentimentos, basta ter coração.
Precisa saber falar e saber calar e, sobretudo, ouvir. . .
Deve ter amor, um grande amor por alguém,
ou, então, sentir falta de não ter esse amor.
Deve amar ao próximo,
e respeitar a dor que todos os passantes levam consigo.
Deve ter ideal e medo de perdê-lo.
No caso de assim não ser,
deve sentir o grande vácuo que isso deixa.
Tem de ter ressonância humanas.
Seu principal objetivo deve ser o de ser Amigo.
Deve sentir pena de pessoas tristes,
e compreender o imenso vazio dos solitários.
Precisa-se de uma pessoa amiga, para gostar dos mesmos gostares
e que se comova quando chamado de Amigo.
Que saiba conversar de coisas simples,
de orvalho, de grandes chuvas e de recordações da infância.
Precisa-se de um amigo para não chorar
para não se debruçar no passado em busca de memórias queridas.
Um Amigo que nos bata no ombro, sorrindo ou chorando,
mas que nos chame de Amigo.
Precisa-se viver consciente de que ainda se vive.
Procura-se um Amigo urgente,
pode ser Você. . . posso ser Eu para Você. . ."*

Vinicius de Moraes

a chama

EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 -
Laranjeiras - Tel.: 285-0613
20.000 - Rio de Janeiro - RJ

CONSELHO EDITORIAL

Associação de Pais e Mestres do
Colégio S. Vicente de Paulo

DIRETORA RESPONSÁVEL

Maria Célia Bustamante

SUPERVISÃO EDITORIAL

Pe. José Pires de Almeida

CONTATO DE PUBLICIDADE

Maria José Hespanha de Soares

COORDENAÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Horácio A. Barros Neto

COMPOSIÇÃO/ARTE

Audifax Ayres e Hyrmo Costa

COLABORAM NESTE NÚMERO

Sérgio Magalhães, Marcelo Camurça, Prof. Adair, Cristina C. Magalhães, Ana Cristina Resende Chiara, Artur da Távola, Pe. José Pires de Almeida, Maria Célia Bustamante, Léa Rocha Lima

Os artigos assinados, são da responsabilidade dos autores.

Aceitamos permuta, com publicações do gênero.

Circulação dirigida:
2.000 exemplares.

PRODUÇÃO E IMPRESSÃO

Altiva Gráfica e Editora Ltda
R. Gal. Caldwell, 316 - Loja
Tels. 232-7869 - 252-5576
Rio de Janeiro, RJ

Editorial



Num slogan curto, mas de grande força persuasiva, a Campanha da Fraternidade nos aponta, todos os anos, um modo de agir individual em benefício da coletividade.

O deste ano, "Preserve o que é de todos", obteve enorme receptividade, uma vez que a conotação mais difundida foi a ecológica, pois a preservação da natureza é um dos problemas que mais nos afligem atualmente.

Embora sejam muitas as conotações sugeridas, vamos nos ater a um ponto de vista, intimamente ligado ao nosso colégio. Não é de hoje que chegam à Associação de Pais e Mestres inúmeras queixas sobre o estado precário em que se encontram certas dependências do Colégio, assim como os bebedouros, as carteiras, as cadeiras do Auditório etc.

Não se pode negar a veracidade da afirmação. Devemos, contudo, colocar a questão em seus devidos termos.

A quem se destinam as dependências do Colégio, os bebedouros, as carteiras etc.? Aos dois mil alunos do 1º e do 2º graus e aos do Supletivo que estudam à noite. Se estes são os usuários, a eles cabe, evidentemente, a boa ou má utilização dos bens da coletividade. Não é o Colégio, como instituição, que os quebra, depreda ou inutiliza.

Ora, a responsabilidade pelo bem comum e pela boa conservação dos bens materiais de qualquer comunidade cabe a cada um de seus membros individualmente. Se cada um zelar pelo todo com a atenção e o respeito com que deve ser tratada cada coisa, todas elas sofrerão apenas o desgaste natural de uso, que o tempo lhes impõe.

Vejamos a questão fundamental: — Quem se utiliza do São Vicente, de suas dependências e de seus bens materiais não são nossos próprios filhos? Quem poderá garantir que as depredações não estejam sendo feitas pelos filhos daqueles que mais reclamam e mais criticam a omissão do Colégio? Não seria mais construtivo que cada pai despertasse em seus filhos o senso de responsabilidade pela preservação das instalações do Colégio? Não é em nossa casa, no nosso ambiente familiar que lhes deve ser ensinado a respeitar os bens da coletividade? Antes de lançarmos a pedra ao vizinho, ponhamos a mão na consciência e formulemos para nós mesmos esta pergunta: — Soubemos aproveitar o slogan da Campanha da Fraternidade para ensinar aos nossos filhos a preservar o que é de todos?

ÍNDICE

ANO VI - OUTUBRO DE 1979 - Nº 26

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO
COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO - RIO

| | Pág. |
|---|------|
| Editorial | 3 |
| Carta ao Leitor | 4 |
| Como vejo a Comemoração dos 20 Anos do CSVV | 5 |
| Oração do Pai Contemporâneo | 8 |
| Pe. Nogueira, na Paz do Senhor | 9 |
| 20 Anos de S. Vicente | 10 |
| Pe. Charbonneau e a Educação Sexual | 10 |
| Desafios da Educação no Brasil, Hoje | 11 |
| Semana do Livro/Acontecimento Inédito | 12 |
| Relembrando... | 13 |
| Papo Livre | 14 |
| Prelo | 15 |
| Criança e TV | 16 |
| Bingo e Beneficência | 18 |

CARTA AO LEITOR

MEUS AMIGOS

Vocês devem estar desacostumado de receberem a Chama, não é?

A revista é o mais importante órgão de comunicação da APM, é o veículo que a Associação usa para manter os pais "por dentro" das atividades do Colégio. Conclui-se que é do nosso maior interesse conservar esta revista atuante, chegando periodicamente em suas casas. Como isto não vinha acontecendo, vamos lembrar que houve uma reformulação na estrutura — a Chama mudou — isto foi explicado no número 19. Desde o forma-



to, conteúdo, filosofia. Mas o novo Conselho Editorial sofreu umas baixas — José Nilo Tavares acidentou-se e sua colaboração ficou prejudicada. Posteriormente Roberto Gomes da Costa, por motivos particulares, reduziu sua eficiente participação na Chama. Mesmo assim, esta equipe desfalcada conseguiu publicar três magníficos números da revista, mas a periodicidade já estava comprometida.

Este ano, quando a nova diretoria da APM chegou, foi um sufoco. Apesar do esforço de Marcelo Camurça, a revista não saía a tempo. Os associados reclamavam, os (poucos) anunciantes debandavam e os colaboradores sumiam. Des-crédito.

Foi aí que lembramos da "mãe da criança", Maria Célia Bustamante, mãe de alunos, nove filhos, professora da USU, jornalista preparando tese, equipista de N. Senhora e mais um monte de coisas e com a célebre desculpa de que não tem empregada. Era para desanimar, não era?

Mas como ela é a fundadora da revista, tenho a impressão que só de medo que a Chama apagasse aceitou colaborar novamente. E com que garra. . .

Já convocou o Arthur da Távola, pai de alunos, para responsabilizar por uma seção. Deixou a ZEZÉ (bibliotecária acumulando no seu tempo livre a função de secre-

tária da APM) doidinha recolhendo artigos dos professores e coordenadores. Até eu, protótipo da dona de casa, estou sentada datilografando este recado para vocês!

Só falta agora a mobilização dos leitores, os pais e mães. Vocês virtuais jornalistas, críticos atentos, cronistas ainda desconhecidos, poetas ignorados, escrevam.

Sabemos que entre os pais de alunos do Colégio S. Vicente estão artistas consagrados, escritores e jornalistas famosos, prósperos comerciantes, professores sofridos, políticos atuantes, arquitetos badalados, engenheiros circunspetos e tanta gente interessante mas todos ocupados. É o que mais tem: OCUPADOS. Graças à Deus, ocupados.

Será que vocês não poderiam ser um pouquinho preOCUPADOS? Preocupados com a comunidade à qual vocês e seus filhos pertencem. Poderiam beneficiá-la enriquecendo-a com sua participação. Comprometam-se, contrariando aquele alienado personagem do JÔ SOARES.

As oportunidades estão aí — artigos para a Chama, conferências no Colégio, participação na APM como membro ativo e outras idéias ótimas que vocês estão guardando tão zelosamente.

Um abraço,
Glória Lopes

ATENÇÃO COORDENADORES

Os alunos do 2º Grau, solicitaram a CHAMA a interferência junto a Direção do Colégio a fim de que seja permitida a entrada e saída pelo portão principal. O motivo alegado é mais que justo.

Pela coincidência do ponto de ônibus se situar no segundo portão que dá acesso ao pátio, os alunos não se dão ao trabalho de atravessar no sinal, correndo com isto risco de vida.

A CHAMA constatou o fato, e foi informada que pelo menos dois alunos já foram atropelados no local. É urgente uma tomada de atitude por parte do Colégio para que não seja responsabilizado em caso de acidentes mais graves.

COMO VEJO A COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DO CSV

Pe. ALMEIDA

Como "um olhar-recordação". É como se, a modo de "um longuíssima-metragem", fizéssemos desfilar sob os olhares da lembrança — quiçá da saudade — as grandes etapas, os grandes momentos deste processo histórico desencadeado em 1959 e que, por entre pioneirismos e indefinições, entre avanços e recuos, ousadias e lacunas, vem crescendo em busca de seu amadurecimento.

Três momentos parecem-me dignos de nota.

1959-1965. Berço e primeiros passos. Diretor, o próprio fundador da casa, Pe. Joaquim Horta, cujos talentos administrativos, por tantos títulos conhecidos, evidenciaram-se sobremodo no cargo que então exercia de Ecônomo Provincial ou seja, Administrador Geral da Província Religiosa. Ele conseguiu o "milagre" (bem brasileiro) de fazer vir à luz o "S. Vicente", sem que a Província tivesse as mínimas condições — Momento histórico privilegiado o do início da construção: era o instante de Brasília com toda a euforia e esperança, com tanta inquietação e críticas demolidoras, com as promessas dos "50 em cinco" e das iniciativas super ousadas. Tudo que então "macro-vivia" o Brasil, micro-vivia-se no S. Vicente cujo nascimento e estrutura material são frutos daquele momento e da grande estima que o saudoso Presidente Juscelino dedicava ao Pe. Horta.

Pioneirismo e Indefinições

Bebê gigante embora prematuro sob vários aspectos, o Colégio S. Vicente contou inicialmente com 350 alunos do antigo Primário mais alfabetização e "admissão". — Os atrasos da construção, iniciada em agosto de 57, ocasionaram desconforto e improvisações nos primeiros meses. Sofreu a parte pedagógica o impacto da heterogeneidade da população inicial; a disciplina — como condição mínima de trabalho — parecia tão distante, que o desânimo denotou logo, entre as jovens mestras, algumas ainda não testadas pela experiência. Ao Pe. Almeida, coube a missão de domar as "ferinhas", oportunamente ajudado pelos Padres Nogueira e Guerra, respectivamente tesoureiro e secretário.

A partir do 2º ano (1960), a presença do Pe. Migdon Gonçalves — modelo de criatividade e capacidade de realização — passou a canalizar as forças para o esporte e o laboratório de eletrônica.

Início de Reflexão — Em fins de 61, regressava da França o Pe. Paiva, formado em Pastoral Catequética e era encarregado do setor formação religiosa.

Em 63, com a presença do Pe. Dario, que desde o ano anterior fazia parte da equipe de Direção, iniciou-se a prática da **reflexão** permanente, tomando por base o precioso "Plano de Pastoral de Emergência", recém lançado pela C.N.B.B. — Era o primeiro passo para se avançar com solidez rumo a uma definição de metas educacionais, em substituição ao empirismo do dia-a-dia. Àquela tempo, a presença do "Grêmio de alunos" já norteava as atividades extraclasses, desportivas ou culturais do curso ginasial cuja primeira "festa de formatura" ocorreria ao final do mesmo ano (1963).

Ousadias e lacunas

Fruto de tal impulso foi, sem dúvida, a intercomunicação de Escolas Religiosas até então reciprocamente fechadas. Animados pelo Pe. Dario, construíram-se grupos de intercâmbio (4 ou 5 colégios masculinos e outros tantos femininos) cujas promoções, quer as excursões, quer sobretudo as "semanas de amizade" enriqueceram sobremaneira nossa vivência, despertando lideranças, exercitando o diálogo, amadurecendo o comportamento, forçando o interrelacionamento dos Diretores das Escolas em questão e fazendo surgir mesmo, um

ou outro encontro inter-escolar de pais e alunos. Assim como alguns Diretores, os Pais — calcula-se bem! — aceitavam mal os "riscos" dos Grupos mistos. Aí se verificou que a grande lacuna era a ausência de **diálogo** entre os responsáveis. — Esta lacuna se fazia sentir no interior da própria comunidade da Direção do S. Vicente, gerando clima de muita insatisfação e intranquilidade por ocasião da mudança de Diretor, em fins de 64.

1965-1968 — O Pe. Marçal Versiani dos Anjos assumiu a Direção em hora pouco tranqüila. O Colégio estacionara.

O 2º Grau (2º ciclo de então) já existia sem chamar a atenção. Faltava-lhe caracterização, colorido próprio. — A preparação para os exames vestibulares ou "concursos de habilitação" estava a exigir medidas decididas e onerosas. O passo foi dado e o futuro diria com que acerto. — É importante creditar isso à decisão do Diretor Marçal.

A reflexão interna foi intensificada, nem sempre se conseguindo chegar a um consenso, quando se tratava de partir para a ação.

Hoje se verifica que mesmo os choques terão sido benéficos apesar das feridas que então foram abertas.

Mais uma vez, por entre avanços e recuos, a comunidade educacional amadurecia para a explicitação de sua Filosofia Educacional.

1968-1979 — Convocado pelo Superior Geral para trabalhos de cúpula, o

Pe. Marçai foi para Roma, em julho de 67, ficando o Pe. Almeida como Diretor.

O final de 67 foi empregado em diagnosticar as causas do raquitismo da escola e os meios para combatê-lo.

— Como em início de 67, a primeira turma de nossos vestibulandos fora bem sucedida (80% de aprovação direta), o "colegial", achava seu caminho. Era só prosseguir.

— Quanto aos cursos inferiores, tinham de ser redimensionados:

a) O sistema exclusivo de semi-internato era contestado e tornara-se obstáculo a muitos candidatos.

b) O regime misto parecia ser exigência da época, pelo menos por parte das famílias que, já tendo aqui os filhos, gostariam de matricular também as meninas.

c) A reintrodução das classes de alfabetização era outra exigência dos fatos.

d) O "congelamento" das anuidades parecia conveniente como apelo, já que o Colégio pensava na democratização.

e) O "ginásio" carecia de Orientador pedagógico (já existente no Primário e no Colegial)...

Em todas estas linhas foram tomadas medidas, quase todas acertadas. Somadas ao êxito dos vestibulares, foram suficientes para iniciar o crescimento quantitativo. — Outros fatores, sem dúvida, se acrescentaram posteriormente e a soma de todos explica os seguintes dados comparativos:

1967 — 550 alunos, repartidos em 17 turmas (média: 32,35 por turma);

1979 — 1.700 alunos, repartidos em 43 turmas (média: 39,55 por turma).

— Mencione-se de passagem o curso Supletivo para adultos que desde 1973, recebe 400 alunos para alfabetização e 1º grau.

Em consonância, adquiriu-se mais espaço (terreno anexo); sucessivas adaptações internas foram realizadas na estrutura do prédio; requisitou-se parte do andar térreo da residência da Congregação (Casa Central) e, enquanto se sonha com mais espaço construído, opera-se no momento o alargamento do terreno anexo, mediante desmonte e muro de contenção. Em todas as realizações, a presença eficaz da Associação de Pais e Mestres tem sido uma preciosa constante.

Pode-se afirmar que esta última fase dos 20 anos do Colégio foi de esperança. O momento político era dos mais difíceis sob ameaças dos A.I. e dos Decretos-leis. Administrativamente, o tabelamento das anuidades, a partir de 1969,

impôs algumas restrições. Filosoficamente, foi um tempo de grandes impulsos internos. — Acabara de realizar-se em Medellín a 2ª Reunião Geral do Episcopado Latino-Americano. E desta feita, a Educação fora contemplada com um documento revolucionário chamado de "Educação Libertadora", cujas bases são: respeito à pessoa, diálogo, criatividade, formação do espírito crítico; numa palavra, nova visão do relacionamento educando-educador. O S. Vicente ousou levantar esta bandeira e acreditar que o espírito Santo falara através de nossos Bispos.

Passado mais de dez anos, não podemos afirmar que a Escola se converteu. Mas temos consciência do quanto nos veio de positivo e do que se deixou de lucrar.

Como uma parada para revisão

Ao se comemorarem os dez anos da publicação dos documentos de Medellín, perguntamo-nos sobre quantas comunidades educacionais da Igreja tiveram coragem de assumir as normas aí propostas.

— Quantos terão levado até às últimas conseqüências o respeito ao educando, de modo a proporcionar-lhe ser "sujeito de seu próprio desenvolvimento"?

— Quantos terão favorecido o diálogo e a formação do espírito crítico?

— Quantos terão favorecido a criatividade em todas as suas dimensões?

— Quantos, enfim, terão criado um clima de liberdade aliado à responsabilidade que por si só, define uma filosofia de vida? Sabemos que a proposta de

Medellin não era totalmente original, mas certamente, a convergência de teorias e experiências existentes em diversos países sob a liderança de nomes hoje bem conhecidos e admirados. "Batizadas" em Medellín, passaram a ser nosso novo catecismo pedagógico.

Entre os que tentaram, muitos ou poucos, o S. Vicente esteve à frente. Assistemáticamente, mas explicitamente, a proposta foi criando vulto e passando à prática. Jamais chegou a influir globalmente nas atividades, mas chegou a marcar em profundidade vários aspectos. — Entre outros, destaque-se o clima de diálogo, espontaneidade, criatividade e participação que, em várias ocasiões, já têm merecido comentários.

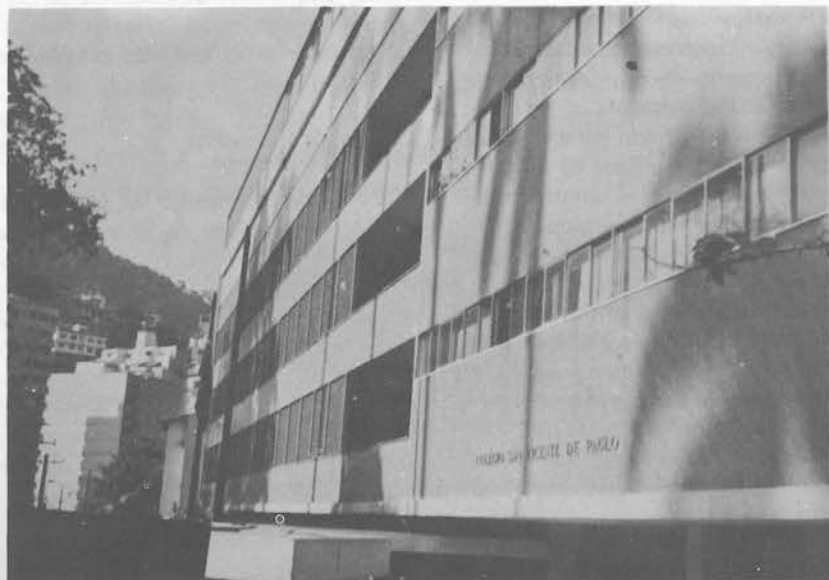
Estamos certos de que assim o crê hoje uma boa parcela dos candidatos que intencionalmente, procuraram o S. Vicente.

Com a visão global do tempo percorrido, vemos também as falhas com alguma clareza.

Terá sido, sem dúvida, imperfeita a comunicação ou anúncio do conteúdo, resultando em equívocos, sobretudo por causa do rótulo "libertadora".

Não se chegou a sistematizar a reflexão, não se fez periodicamente avaliação explícita.

Não se exigiu de modo uniforme a participação de todas as forças da Comunidade. Praticamente se investiu de modo contínuo apenas nos "coordenadores" que de qualquer forma, tinham no Conselho Pedagógico semanal uma reciclagem filosófica permanente, posto que implícita. Os funcionários — entre estes os inspetores de alunos — ficaram muito fora de circulação.





A ausência de planejamento integrado ocasionou conflitos entre as várias atividades, por exemplo a tensão entre a sala de aula e o "extra-classe".

O sistema descentralizado nem sempre facilita a informação, gerando também mal estar. Sempre se clamou pela melhoria das informações. Igualmente, tal sistema favorece a coexistência de áreas de atrito, ou seja, de mentalidade muito diversas.

A possibilidade de uma participação total nas decisões de Colegialidade nem sempre é aceita pelos principais responsáveis da obra, que no fundo, continua fundamentalmente centralizada nas decisões da Congregação, tendo o representante da comunidade Escolar apenas função de assessoria, o que não satisfaz aos mesmos.

Fugiu-se sempre de encarar de frente as questões dos limites da liberdade e da cobrança da "responsabilidade".

Merecem destaque os tempos fortes do processo:

Por ocasião dos 15 anos do Colégio, preparou-se uma excelente reunião Geral baseada no tema Educação Libertadora — então foi lançada uma bem cuidada apostila.

Em 1967 e 77, foram feitos vários cursos rápidos, destinados a reaquecer e orientar melhor nossa vivência: os animadores foram os membros da Comunidade "Shalon" de Fortaleza, CE.

A vivência do S. Vicente foi em várias circunstâncias **interpeladora** para outros Colégios. E por meio do S. Vicente, muitos incentivaram a própria reflexão.

Como um convite à definição

A primeira lei de toda atividade humana e, sobretudo de toda atividade

pastoral da Igreja, deve ser o respeito à realidade.

Acreditamos que em linhas gerais, o S. Vicente no passado, tenha sido coerente com tal adaptação.

Acaba de realizar-se em Puebla, México, a 3ª Conferência dos Bispos Latino-Americanos que reestudou o capítulo da Educação Libertadora dentro do novo **Contexto de Evangelização Hoje e Amanhã**, que resulta da própria situação da América Latina. . . Alí, a Educação é redefinida como Evangelizadora, tomando-se o verbo Evangelizar no sentido de "**libertar para a Comunhão e participação**".

A Educação não apenas deve libertar, mas libertar para a Comunhão e participação.

Igualmente a realidade política do país está a exigir nova tomada de posição. Até que ponto uma proposta que serviu bem para os anos 68, 69, será ajustada aos nossos tempos, às atuais aspirações dos jovens?

Qual o sentido da **Catequese** nas nossas turmas tão heterogêneas, em mentalidade e convicções? Como explicitar o Evangelho à base da Educação Evangelizadora?

Qual o sentido de se colocar o S. Vicente como projeto-piloto, fazendo um plano de vida independente dos Estabelecimentos similares, aprofundando a concorrência ou a velada hostilidade entre Colégios?

Qual a necessidade, nesta nova etapa, de assegurar uma participação mais real e organizadora dos pais de alunos ou, pelo menos, de os informar sistematicamente sobre as conseqüências previsíveis?

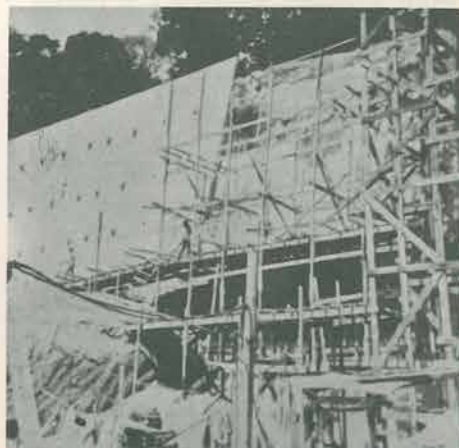
CONCLUSÃO:

QUAL DEVE SER A PARCELA DE RESPONSABILIDADE DA CHAMA, NO TOCANTE À VIDA DO COLÉGIO?

TERÁ SENTIDO A CHAMA SE NÃO MERGULHAR NA VIDA DO COLÉGIO E SE NÃO FOR UMA REFLEXÃO DESTA PRÓPRIA VIVÊNCIA?



A última árvore...



Con-
ten-
ção
da
en-
cos-
ta.

ARTUR DA TÁVOLA

ESCREVE

ORAÇÃO DO PAI CONTEMPORÂNEO

Cheguei perto do meu amigo que orava em voz baixa. De olhos fechados, ele não me viu. Ouvi, guardei na memória e reproduzo:

Dai-me, meu Deus, a luz da Vossa Inspiração. Quero educar meus filhos para a ternura, a tolerância e a compreensão do próximo. Assim tenho feito. Mas por que os ternos e os doces acabam tão raros, estranhos, quase marginais, sem chance de fazer ou criar, na dura competição da vida?

E se os educo na linha da dureza e exigência, formarei homens eficazes, atletas do saber e do fazer, padrões de êxito externo, brilho e posição. Mas os que conheço assim, sinceramente, são felizes? Como? se trocaram suas pessoas pelo papel que desempenham?

Às vezes, meu Pai, penso em não interferir. Em deixar que o que há neles de seu, de atávico, de hereditário e de intransferível vá ensinando-os. Mas eu venho de um tempo em que ficou moda deixar a criança entregue a si mesma "para não frustrar". Depois vi esses meninos "sem frustração", crescidos, afundando-se na mais completa desagregação, berrando sua solidão e o "me protege, pai", "me protege, mãe" disfarçados em agressividade, autodestruição e negação sem afirmação compensatória.

Será que a educação de meus pais, aquela dura, do "não pode", "não deve", "é pecado", "eu não quero", "você vai ser igual a mim", "vai seguir minha carreira", será que essa é a certa? Mas quantos, Senhor, vindos desta, vi resvalar na vala da amargura, da vida não vivida, da revolta sem remédio?

(Transcrito de O Globo)

Eu gostaria de só falar-lhes do amor possível, da importância do sentimento do outro, da capacidade de ver e sentir o próximo, como aprendi nos livros e nos mestres e sempre tentei talvez sem conseguir. Mas não estarei formando um puro, mais um sem vez nesse mundo?

Posso acentuar o senso de justiça que nele veio inato, desde pequenino. Mas não estarei formando um suicida?

Posso ensinar-lhe as mil regras do bom-senso, da capacidade de compreender e ajustar-se. Mas ao formar um ajustado não estarei criando apenas mais um número na multidão de concordância cômodas?

E se o envio a um analista? Não estarei preparando um especialista em dúvidas? Alguém que compreende demais, a tudo e a todos e não age nunca?

Quem sabe, meu Pai, limito-me a passar-lhe todos os meus valores da vida, aqueles que herdei de meus pais, e os outros que colhi sofrendo sozinho? Valem algo num mundo que muda a cada dez anos mais do que em todos os anteriores?

Se lhe digo o que penso invado sua liberdade. Se nada lhe falo, peço por

omissão. Se discuto, acabo impondo. Se imponho, esmago. Se calo, consinto. Se consinto, acabo perdendo-o e isso não saberei suportar.

Se lhe exijo estudo sei que vou formar alguém que amanhã pode me perguntar porque tanta ciência se a vida natural é mais saudável. Se o tiro do colégio, fico responsável por uma ignorância que o pode aterrar.

Dai-me, Senhor, a luz de um caminho, uma honesta opção para quem, como eu, sabe do mundo, conhece-lhe as esperanças, grandezas e também as curvas da emboscada, alguém como eu que aspira ao absoluto e aos valores nos quais, teimoso, não deixou de crer".

E assim, o meu amigo, homem aberto ao mundo e ao novo, disposto a examinar a vida sempre vendo todos os seus lados, expressava a Deus o desespero de sua honrada perplexidade.

E eu fiquei pensando que é muito mais fácil escolher um dos caminhos e ficar com ele, negando os demais. Mas acabei me perguntando se não é exatamente por isso que o homem vive em guerra. . .

PE. NOGUEIRA, NA PAZ DO SENHOR.

Dia 18 de outubro, fez um ano que morreu o Pe. Nogueira. Posto que tardiamente a CHAMA recorda aquela página triste da vida do Colégio.

Estamos todos lembrados das circunstâncias: dia 17 de outubro, fora um dia feliz, um grande dia — para nossa pequena comunidade sacerdotal. O Pe. Chaves — encerrando com chave de ouro a visita oficial que desde 11 de setembro nos vinha fazendo, concelebrou conosco antes do jantar. . . Convidou-nos a oferecer a Eucaristia pelos frutos da visita e dispensou-se da "homilia", porque a ata da visita, proposta na véspera, 16 (verdadeira super-homilia), era suficiente para, por muito tempo, nos alimentar a reflexão.

O abraço da paz, mais que um gesto litúrgico, pretendia ser um anúncio de retomada, com entusiástica esperança.

O dia seguinte, 18, seria a festa do Visitador — bodas de prata sacerdotais...

Pe. Nogueira acordou cedo, como fazia há anos; Missa no Sion, às 7:00 horas; depois, as atividades: Ecônomo da Comunidade há quase 20 anos, ele sabia como agir num dia de festa, na impecável apresentação de um banquete.

Naquele dia, ele estava preocupado com um novo "prato" que encomendara. E mais preocupado com uma dor aguda que o dominava progressivamente. Ele a sentira de véspera, como se fosse "dor na coluna". Acostumado (?) a conviver com sua lesão cardíaca, pensou que desta vez ainda, poderia resistir "sem se dobrar". Não deixou de, mesmo então, fazer seus gracejos. . .

Por volta das 9:00 horas, o suor frio, a pressão alta nos obrigaram a levá-lo à clínica. Era enfarte. Consciente e lúcido, ele dispôs suas "últimas vontades", pediu os sacramentos, rogando que não o deixássemos sozinho. — A dor era violenta e dificilmente amainada pelos medicamentos e pelo repouso absoluto a que foi logo submetido na U.T.I. do "Pro Cardíaco".

Tudo parecia contornado se não se seguisse novo ataque e a parada cardíaca que o fez passar do sono à eternidade. . .



Em vão, médicos e enfermeiros lutaram 20 minutos para o trazer de volta. Terminara sua missão na terra. Daí para frente, foi a sucessão de duras emoções: a remoção do corpo, o velório com toda uma série de liturgias, encerradas pela celebração de 18 sacerdotes, o sepultamento, a presença e as confortadoras mensagens de tantos amigos dele e nossos.

Na missa de 7º dia, concelebrada na Matriz de São Judas Tadeu quase repleta. Pe. Sílvio brindou-nos com verdadeiro panegírico.

Um capítulo à parte, foi a "limpeza" do quarto que ele ocupava também há quase 20 anos e onde acumulara sucessivas expressões de sua existência: o material do economato, o arquivo particular, a biblioteca, a vitrola com a discoteca, os inúmeros papéis datilografados (pois tudo escrevia) as fotografias e "souvenirs" de tantos lugares, de tantas pessoas, de tantas épocas, o documentário volumoso sobre a Associação das Senhoras da Caridade.

Foi doloroso ter de revolver tudo, a dando destino.

A lição que fica é muito clara: um vazio a mais em nossas tão rarefeitas fileiras nos fala da necessidade de nos unirmos para nos fortificarmos.

A lembrança — a saudade — é de todos os momentos, como também a recordação de sua fidelidade aos amigos, da amabilidade com que recebia os hóspedes a ele recomendados, da prontidão com que atendia a qualquer problema de saúde em quem quer que fosse, de seu constante amor ao posto de mordo-mo do Colégio; da dedicação às Senhoras da Caridade — núcleo local, direção Regional e Nacional — e do carinho com os pobres por elas atendidos; enfim, da pertinácia em datilografar tudo quanto deveria preferir em suas reuniões e celebrações.

Num momento em que é tão difícil ser fiel, fica-nos a lição de quem, sob a capa de implacável pilheriador, sabia a tudo sobrepor os grandes valores da vida cristã e do sacerdócio.

Pe. Jose Pires de Almeida
Diretor do Col. S. V. de Paulo

20 ANOS DE S. VICENTE

*Marcelo Camurça
Arquivo Histórico*

O S. Vicente ingressou na maioridade, 20 anos!

Não foram fáceis, dizem os mais antigos, tocar para a frente essa imensa obra. Muita coisa ficou pra trás, dificuldades, acertos, etapas vencidas. Porém, desde que o funcionário dos Lazaristas, hoje o idoso Zé Lino descobriu o terreno, desde que o Cardeal Valério Valeri, vindo de Roma benzeu a pedra fundamental do prédio, o S. Vicente procurou ser um Colégio ajustado a seu tempo, preocupado em acompanhar o ritmo dos acontecimentos e responder com uma prática pedagógica e educacional aos anseios de seus alunos.

Hoje cabe aqui fazer um registro daquelas pessoas que tanto ajudaram a forjar no S. Vicente a fisionomia que este possui.

Lembramos o Pe. Joaquim Horta seu primeiro diretor, homem de grande dinamismo que levou a toque de caixa a obra da construção do colégio. Lembramos Marçal, seu 2º diretor, hoje comentarista político dos periódicos. Lembramos Dario, aquele que tanto contribuiu para a consciência de Educação Libertadora e na formação de uma filosofia Educacional para o Colégio e que hoje está trabalhando com os mais humildes. Lembramos os que se foram: o Prof. Pedro Paulo, Pe. Armando Nogueira, Jorge Soares. Lembramos a recentemente aposentada Dna. Inês da Farmácia de quem sempre todos os funcionários e alunos recebiam uma palavra amiga e um remédio reconfortador.

A marca que se imprime no S. Vicente desde o seu diretor ao mais modesto servente é o **trabalho**, a vontade de servir, de se relacionar e de amar.

Amemos a Deus com o suor do nosso rosto! Vicente de Paulo.



Na foto Pe. Charbonneau autografando para a Diretoria da APM

PE. CHARBONNEAU E A EDUCAÇÃO SEXUAL

No dia 20 de maio de 1979, a A.P.M. lotou o Auditório do Colégio com a presença do Pe. Charbonneau que vinha ao Rio para, num "dia de estudos", fazer o lançamento de seu livro "EDUCAÇÃO SEXUAL — seus fundamentos e seus progressos", recém publicado em S. Paulo pela Editora Pedagógica e Universitária associada à Escola de Pais do Brasil.

Mais uma vez, se confirmou que o nome do Pe. Charbonneau é um toque de reunir. Sinal de que ele tem sempre muito que dizer a Pais e Educadores. Canadense, sacerdote da Congregação da Santa Cruz, há mais de 20 anos Educador no Colégio Sta. Cruz — um dos mais notáveis de nosso país — ele se vem dedicando de modo muito especial à Pastoral da Família em favor da qual tanto tem feito com seus famosos retiros de fim de semana. Seus já numerosos livros publicados, à exceção de um ou outro dedicado à Justiça social, são todos voltados para problemas educacionais e familiares.

Na manhã do dia 20, Pe. Charbonneau discorreu sobre as linhas gerais da Educação Sexual, fazendo ver que ela é

um produto do ambiente familiar de respeito, amor, abertura, segurança. Faltando tais bases, inútil pensar-se em educação sexual, inútil pensar em Educação.

Na parte da tarde, ele respondeu profusamente às questões específicas suscitadas pela palestra ou pelo tema em geral.

Encerrando tudo, os autógrafos. Todos os participantes adquiriram o livro. Puderam verificar, percorrendo-o, que o assunto outrora "tabu" e hoje timidamente ensaiado e ainda tão discutido, não é um **absoluto** a ser tratado fora de qualquer contexto. A educação sexual se faz dentro de um conjunto de circunstâncias e depende intrinsecamente de vários fatores de ordem pessoal e geral.

Além do valor próprio da matéria e da autoridade do autor, o livro tem como característica a **lhe** aumentar o "peso", uma notável coletânea de pareceres dos mais diversos autores sobre temas relacionados a amor, casamento, educação sexual.

A A.P.M. marcou época com aquela realização. Espera-se pela segunda.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, HOJE

Professiona-
lizante
em
ação



Em meio à consciência crescente dos professores como uma categoria social em luta por melhores condições de vida e pela melhoria do ensino, somos colocados diante de algumas questões fundamentais: quais os rumos que a educação deve tomar para contribuir efetivamente no processo de transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais injustas? Que escola e para quem a escola? Em que medida, os alunos se colocam também como agentes de mudança deste processo educacional?

É claro que não pretendemos nem seríamos capazes de, num artigo desta natureza, exaurir a discussão de questões tão importantes.

Nossa pequena análise terá como ponto de referência uma discussão levada por alguns alunos do 2º grau do Colégio S.V. de Paulo, na cadeira de Moral e Cívica, a partir do estudo de um texto de Paulo Freire: Educação como "Massificação" e educação como "Conscientização" in — Educação como Prática para a Liberdade.

As perguntas levantadas inicialmente colocam-nos uma outra questão — eixo: **como realizar uma educação capaz de levar o homem a se posicionar criticamente.** As respostas tornam-se realmente complexas na Escola-Instituição, imobilista e fixista por natureza, preparada para perpetuar os interesses de determinadas camadas da sociedade. Fator este que condiciona o conteúdo, a metodologia da educação e o tipo de clientela da Escola.

De outro lado, a prática democrática dos alunos numa escola que se propõe à práxis de uma Filosofia de Educação Libertadora, proporciona uma visão de mundo ampla e uma postura mais crítica diante dos problemas. A maior sensibilidade para o social acaba questionando mais profundamente o papel da escola e da educação na organização da sociedade, o que leva necessariamente à exigência de uma nova escola. Uma escola capaz de vincular o aprendizado intelectual, as informações, o discurso aos problemas reais do país, da nossa cultura, da organização política e econômica como caminho para uma "arrumação" mais justa da sociedade. Na redescoberta de seu papel existe uma preocupação fundamental: a formação dos agentes da nova sociedade, o que implica na consecução de modelos educacionais mais voltados para as necessidades das classes populares.

É claro que esta postura nova da educação ao atingir a escola, mesmo num modelo institucional vigente, exigirá um novo professor, que alguns autores chamam de "professor-povo" em contraposição ao "professor-policial" que sobrevive em função de sua "autoridade" e também uma nova relação professor-aluno, baseada não somente em algumas "novidades pedagógicas" mas num compromisso re-lacional que permita descobrir as relações fundamentais da sociedade, objeto último da educação.

Prof. ADAIR

O SOR PARTICIPA

"Eu sou o pão vivo que desci do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente, e o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo."

(Jo. 6,51-52)

Foi com este enunciado, que os alunos do Col. S.V. de Paulo, através de uma carta, convidaram seus pais para uma palestra no auditório a fim de inscrevê-los na preparação próxima para a Primeira Eucaristia.

Desde o primeiro semestre, estes neocomungantes foram esclarecidos sobre o compromisso religioso que desejavam assumir.

Depois de uma opção consciente, as crianças solicitaram o apoio e a presença dos pais numa reunião onde os catequistas Pe. Sílvio e Profª Marlene expuseram os objetivos do curso, alicerçados na filosofia educacional do Colégio. Neste primeiro encontro, foi apresentado o cronograma do curso e as atividades a serem desenvolvidas durante o período que culmina nos dias 19, 20 e 21 de outubro com as Celebrações Eucarísticas.

Mais uma vez, o São Vicente de Paulo procura assumir com responsabilidade sua missão apostólica junto a sua comunidade e convoca todo o corpo docente a se engajar nesta tarefa.

SEMANA DO LIVRO

Na semana de 24 a 29 de setembro, o Colégio São Vicente de Paulo, em comemoração ao seu Aniversário, promoveu a Semana do Livro. E de outro modo não poderia ser, já que esta casa, há 20 anos empenhada na tarefa de educar, tem seu cotidiano intimamente ligado ao livro.

Além de uma Feira do Livro, com exposição e vendas no 4º andar, a comunidade vem participando de encontros com escritores como: Orígenes Lessa, Leny Werneck, Maria Clara Machado, Stella Leonardos e Marcómede. Outra promoção, o Painel de Debates sobre Literatura Infanto-Juvenil contou com a participação de Ana Maria Machado, Antonio Farias, Geraldo Jordão Pereira, Laura Sandroni, Leny Werneck e Luís Carlos Saroldi que debateram com os pais e professores questões relativas ao livro infanto-juvenil. Os alunos ainda participam dos concursos de Cartuns e Crônicas de Humor sob patrocínio do Pasquim.

De todas estas experiências, dois fatos merecem registro: primeiro, o cuidado e atenção que foram dispensados aos pequeninos do São Vicente, pois como sabemos, o leitor se conquista desde cedo. Segundo, a barraca dos alunos que encamparam a idéia da Feira assumindo duas barracas com entusiasmo e responsabilidade.

Essas iniciativas sempre serão bem-vindas. O livro, na escola, deve ser cercado desse clima de Festa. Acreditamos mesmo que o ideal seria uma Feira do Livro permanente na Escola.

Uma Feira dos alunos para os alunos.

Ana Cristina de Rezende Chiara



ACONTECIMENTO INÉDITO

Pela primeira vez, o Colégio comemorou o dia dos Pais. Foi uma festa diferente, sem cartões nem presentes.

Através de uma enquete as crianças expressaram de que maneira gostariam de passar com os pais, a manhã do dia 11 de agosto.

Depois de um levantamento cuidadoso, as coordenações acionaram os demais departamentos da casa e com sucesso empreenderam esta atividade até então pioneira.

Os pais, nesta manhã, compareceram em número bastante significativo e com os filhos jogaram bola, pintaram, desenharam, trabalharam com barro e para terminar, confraternizaram-se no chope com batatas fritas.

Cada família levou para seu lar ou escritório as obras realizadas neste dia.

O Colégio, se sentiu gratificado com a receptividade dos pais à sua iniciativa.

Coordenação Extra-Classe
1º Grau-1

EDITORA VOZES

NOVIDADES

Comentário ao Evangelho de São Lucas
Catecismo da Ecologia
Porque os Preços Sobem no Brasil

SUGESTÕES

Calendário Bíblico (Ilustrado) 1980
Puebla para o Povo
Agenda Vozes 1980

VOZES SEMPRE UMA NOVA OPÇÃO

Rua Carvalho de Souza, 152 - Madureira

Tels. 359-3861 - 359-9959

Rua Senador Dantas, 118 L I - Centro

Tel. 242-5971

RELEMBRANDO ...

Cristina C. Magalhães

Entre 1964 e 1969, os alunos do S. Vicente juntamente com jovens de outros Colégios, viveram, através de seus Grêmios um dinamismo singular que se chamou de "Movimento de Intercâmbio". Este surgiu pioneiro, viveu livre e desapareceu sem deixar documento.

D. Cristina Magalhães, então Cristina Gurjão, aluna do Colégio Sacré Coeur de Jesus, participou intensamente da fase áurea (66-67) e nos dá aqui um "flash" do muito que tem na lembrança.

Comemorar é também lembrar. É momento de custo, ao se verificar que acontecimentos tão recentes já ocorreram há 10 anos ou mais. Quem viveu seus anos de clássico ou cinético na segunda metade da década de sessenta não pode deixar de lembrar-se dos movimentos estudantis e da atuação dos grêmios dos colégios secundários. Foi nesta época que existiu entre oito colégios religiosos da Guanabara o Movimento de Intercâmbio. Inicialmente, São Vicente, Santo Inácio, Zacarias, São Bento, Sion, Santa Úrsula, Imaculada Conceição; posteriormente, Sacré Coeur de Jesus e de Marie e Santa Rosa de Lima.

Não se falava ainda em colégios religiosos mistos e a convivência entre rapazes e moças nesses estabelecimentos de ensino ainda era tabu. O Movimento de Intercâmbio foi uma fórmula embrionária para se quebrar essa e outras barreiras.

As reações foram de dúvida e perplexidade por parte dos pais e orientadores e de esperança e renovação por parte dos alunos.

O Colégio São Vicente foi o centro desta novidade e de lá, como do Santo Inácio, partiram os primeiros elementos organizadores. Palestras, cinemas, teatros, festas de dança, reuniões de ensino começaram a motivar a juventude para permanecer nos colégios além da hora e até mesmo nos fins de semana.

De repente, começou a surgir maior interesse nas atividades extra-classe. Era muito melhor um jogo de futebol com torcida feminina e muito mais interessante discutir assuntos de formação com a opinião do sexo oposto.

Aos poucos, começaram a aparecer rapazes para ajudar nas festas dos colégios femininos e moças para organizar e coordenar os eventos dos colégios masculinos.

Houve muitos medos e muitas interrogações — "Será que esses jovens querem mesmo algo de sério ou pretendem apenas arranjar namoro?" — Perguntavam alguns pais e religiosos.

As respostas eram fruto de conversas com os próprios jovens — jogo aberto e franco — que concluía ser muito natural que rapazes e moças da mesma idade quisessem também namorar como aprendizado para a vida.

Mas o Movimento Intercâmbio não se resumia apenas em namoro, festas e passeios. Como prova disso, existiram as duas Semanas da Fraternidade — a primeira na Casa da Gávea, a segunda em Vassouras, na Casa dos Jesuítas. Como resultado de vários encontros de estudo de temas sérios e integrados na vida contemporânea, surgiu a idéia de encontros mais intensos. Grupos de jovens, representantes dos colégios, partiram para passar dias hospedados no mesmo local, com horários para seminários e também para divertimentos. Pais se ofereceram para acompanhar o grupo e alguns pais também.

Os dois encontros tiveram bons frutos — o primeiro serviu para solidificar as bases do movimento; o segundo, um ano depois, aprofundou temas estudantis — como a participação dos jovens na vida do País.

O objetivo do Intercâmbio que tanto buscamos na época, hoje parece claro e carente — formar lideranças. Foi uma luta limpa e bonita que deixou marcas

definitivas. A liberdade era a meta principal e no São Vicente tinha sua sede. Tudo era decidido pelos jovens — tínhamos certeza disso — e o colégio funcionava como extensão de nossas casas. Hoje parece engraçado lembrar que há apenas 10 anos a convivência de rapazes e moças, decidindo sua participação no mundo e na comunidade, tenha sido tão difícil de ser aceita e compreendida.

Não é possível fazer um balanço dos saldos positivos e negativos. Um vento imprevisível varreu as lideranças, os elementos-chaves sofreram as consequências e tudo se dispersou. Mas, onde quer que estejam, como quer que vivam, levam consigo a marca de uma época frutífera e profunda que os fez olhar por dentro de si e descobrir o caminho da verdade.

**Alimente
a
chama
de
nossa
Comunicação
ANUNCIE**

PAPO LIVRE

Excursão

- Uma boa iniciativa da coordenação do 1º grau foi a excursão realizada pela 7ª série sob orientação do Prof. Jacob Klein ao interior de S. Paulo.

O objetivo do programa segundo seu prospecto foi "o de favorecer o contato com centros de pesquisa ligados à saúde, à nutrição e à tecnologia; discutir e analisar problemas ecológicos, além de proporcionar um fim de semana agradável e recreativo". Foram visitados centros experimentais de Piscicultura, Apiário de Itaguaí, o Butantã etc.

Iniciativas como esta mostram que a Educação não se restringe só à sala de aula, mas que a prática e a vivência de experiências, são de grande valia para a formação do adolescente.

FILME

- No próximo dia 22 às 20.00 horas, será exibido no auditório o filme "O Contador de Estórias", acompanhado de debates após a projeção. Esperamos o comparecimento de todos os pais que se interessam pelo problema "Criança e TV", uma vez que é esse o assunto abordado no filme. "SERÁ A TV CULPADA PELO DESVIO DO COMPORTAMENTO INFANTIL?".

Formatura 1º Grau

- Pedimos aos responsáveis pelos alunos das 8ªs séries que se comuniquem com Marly (225.4458) mãe representante da 81, para organização de um



jantar de Encerramento do 1º Grau. É mais uma etapa que os alunos alcançaram com tranquilidade. Agora é 2º Grau e o vestibular...

Aniversário do Colégio

- Na noite de 28 de setembro o São Vicente esteve em festa. Com uma frequência bem animadora foi celebrada a missa em ação de graças pelos 20 anos do Colégio. O Coral Bach, vindo especialmente de São Lourenço e regido pela professora Dulcemar Maciel, nos deixou comovidos pela generosidade do seu gesto e pela harmonia e beleza de suas vozes. Além dos cantos sacros apresentados durante a missa houve um recital de músicas populares algumas vezes acompanhado pelo auditório. Para finalizar o encontro tão agradável entre pais, alunos, funcionários e professores, tivemos o tradicional bolo de velas.

Crisma

- Pela quarta vez, o Colégio São Vicente de Paulo realizou a Pastoral da Crisma para alunos da 8ª Série que, espontaneamente, optaram pela recepção deste sacramento. As aulas de preparação foram ministradas, desde o mês de agosto, pelo prof. Wander de Paula e pelo Pe. Sílvio Martins. A cerimônia da crisma aconteceu no dia 26 de outubro, às 20 horas, na igreja de São Judas Tadeu, à Rua Cosme Velho - 470. Prendeu-se a escolha do dia e do local ao fato de ser realizado, nesta época, o Novenário, em honra do Padroeiro, São Judas, em cuja Paróquia está situado o Colégio São Vicente de Paulo. Assim, será uma liturgia especial, introduzida, este ano, no tradicional Novenário e uma participação à vida paroquial.

A CHAMA realizará um jantar em homenagem ao PE. ALMEIDA, com lista de adesões. Maiores informações no Colégio com D. Zezé.



BACH, J. Marcos. *Sentido espiritual da sexualidade.* Petrópolis. Vozes. 1978.

© livro é, na intenção do autor, um ponto de partida para novas escaladas no terreno da "reflexão engajada". Trata-se de uma meditação sobre a pessoa humana que o Criador fez "homem e mulher", com toda a riqueza e a complexidade que essa dualidade acarreta. Nem anjo nem animal; ou anjo e animal ao mesmo tempo. Livro muito aconselhado especialmente a equipes ou grupos

de casais, que querem meditar sobre a sua vida profunda; a psiquiatras, psicólogos e pedagogos que procuram uma verdadeira integração da personalidade.

ÁVILA, Cósimo Damião de. *O papel da reflexão na educação.* In *Revista de Cultura Vozes*. Vol. LXXIII, agosto, 1979.

A importância do despertar da consciência crítica e a necessidade de um "projeto global onde professores e alunos, numa perspectiva histórico-sociológica, se empenham na experiência e na reflexão" são abordados nesse artigo, que defende o direito do aluno — sobretudo a nível universitário — de produzir cultura através de pesquisas, sem se limitar à recepção passiva de uma cultura pré-estabelecida.

TÁVOLA, Artur da. *Mevitevendo.* Rio de Janeiro. Salamandra. 1977.

TÁVOLA, Artur da. *Alguém que já não fui.* Rio de Janeiro. Salamandra. 1978.

Coletânea de crônicas publicadas dia-

riamente em "O Globo".

Muito mais do que um crítico de televisão, pois não se detém em análises objetivas dos "produtos" apresentados, Artur da Távola, um humanista em "lato sensu", nos faz ter consciência da nossa limitada condição de pessoa em permanente processo de busca e questionamento, proporcionando-nos um confronto "incômodo" com situações de vivência cotidiana, que preferíamos deixar adormecidas em nosso inconsciente.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família.* Rio de Janeiro. Zahar. 1978.

Baseado em intensa pesquisa histórica, através do estudo de pinturas da Renascença, velhos diários, testamentos, igrejas e túmulos, o autor nos apresenta um interessante trabalho sobre a lenta transformação processada em relação à criança e à sua posição no seio da família. As alterações sucessivas da dinâmica familiar e as modificações básicas no processo de educação da criança são narradas em estilo agradável, que vai estimulando gradativamente, a curiosidade do leitor.



Apesar das reformulações dos conceitos, ainda se faz dominante a idéia de que a capacidade de criar é um dom natural de poucos, "coisa de artista". E mais: ainda se considera como fator mais importante, básico na criação e expressão, a chamada **inspiração**, naquele momento de brotamento de idéias que, **por acaso**, aparecem nas cabeças destes "seres privilegiados, superiores, originais e livres". Todos estes conceitos e rótulos que envolvem a arte e, no caso específico, a criatividade, geram na maioria das pessoas uma acomodação e

criação: 99% DE SUOR 1% DE INSPIRAÇÃO

mesmo uma submissão com relação à suposta idéia de que não são capazes de pegar um pincel, num violão ou mesmo falar em público, isto mesmo sem tentar, ou depois de uma única experiência frustrante

Qual a melhor forma de fazê-las experimentar novamente? É simples: basta provar que todos estes preconceitos acima descritos são falsos e que a criação é algo acessível a todos, é um potencial nato em cada um, em cada determinada área.

Começamos pela criatividade e inspiração, termos mais abrangentes, pois se aplicam não só à arte, mas a todas as formas de produção, de trabalho, à vida. A capacidade de criar não é um privilégio, mas uma característica geral nas pessoas.

É importante afirmar que seu desenvolvimento não se faz sem estudo nem prática, mas além disso é fundamental uma constante preocupação em criar, uma atenção à realidade, aos estímulos

desta e, principalmente, um acúmulo de experiências, de pesquisas com transformações e acirramento na percepção de cada um.

Assim é o processo de criação: fruto de enriquecimento, de contradições, evolutivo.

Assim chegaram à conclusão sobre a evolução criativa: ela é progressiva e crescente, mas de certa forma linear. Não é possível alguém acordar de manhã com inspiração para fazer uma "obra prima" sem ter superado todas as etapas do processo.

Quanto ao aspecto da habilidade técnica, além deste seguir o mesmo processo de desenvolvimento da criação, ainda conta com mais um particular: são múltiplas as formas de arte, e é difícil acertarmos que alguém, depois de todas as tentativas, chegue à conclusão de que não tem o mínimo jeito para nenhuma delas.

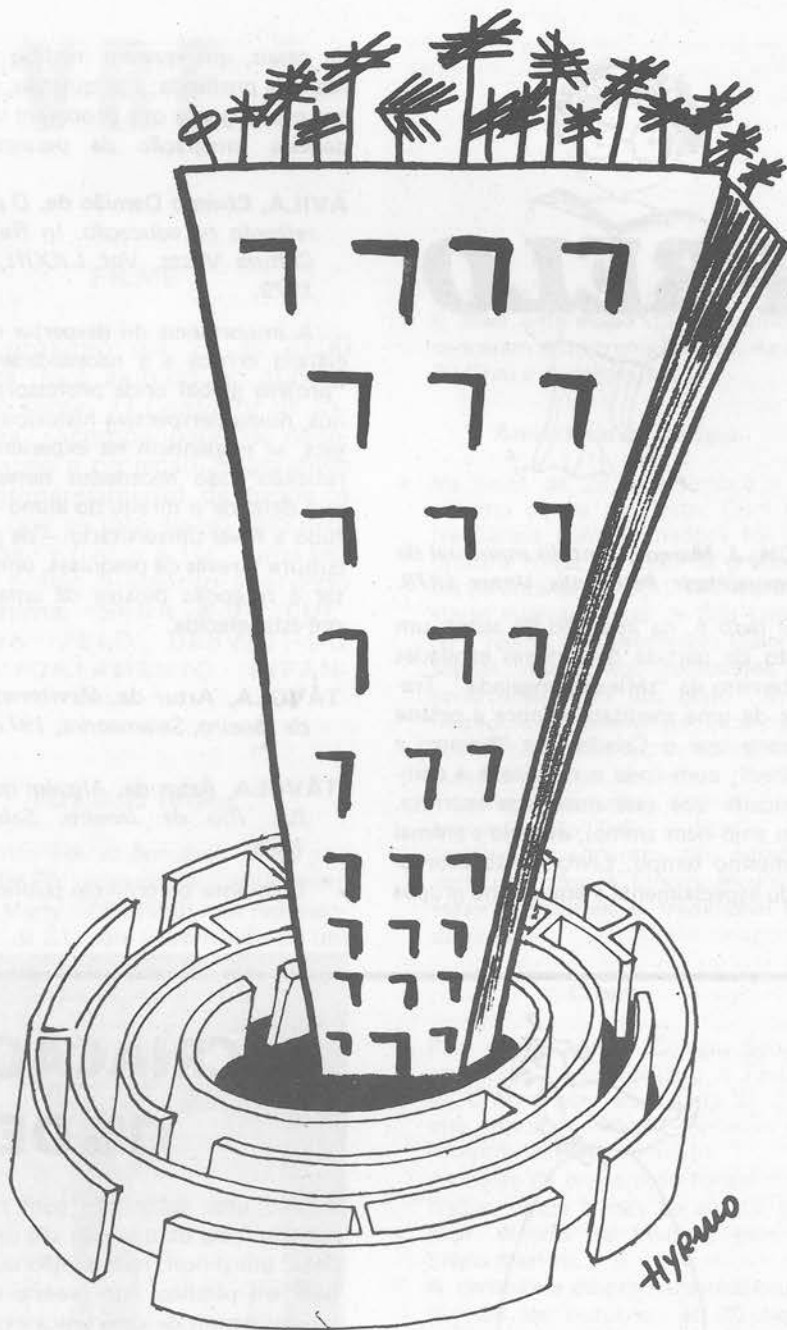
CRIANÇA E TV

MARIA CÉLIA BUSTAMANTE

Como o meio de comunicação dominante da nossa era e indutora de uma verdadeira revolução no processo comunicativo, a TV é objeto de permanentes indagações e pesquisas para determinar o grau de influência que exerce nas diversas áreas de atividade: social, econômica, política, educativa, artística, etc.

Tendo a violência como uma constante, podemos afirmar que o seu poder se exerce independente da nossa vontade. Mesmo aqueles que não a assistem são afetados por ela, uma vez que ela é o reflexo e o agente do sistema econômico e do modo de produção vigentes na comunidade.

A violência a que nos referimos não é a violência transmitida, mas a exercida pela TV. Esta afeta profundamente o relacionamento entre as pessoas, modifica o comportamento social, provoca uma mudança de mentalidade e de atitudes, num processo lento e discreto que disfarça com habilidade a transmissão constante de uma ideologia.



Muitas crianças de hoje não conseguem compreender como se podia viver antes do advento da televisão. A TV está tão inserida em suas vidas, tão integrada às suas atividades de rotina, que o fato dos pais não terem passado também a sua infância diante de um televisor lhes parece absurdo e quase uma mutilação.

A criança da era da TV é bem diferente daquela que aprendia a conhecer o mundo através de experiências pessoais autênticas, em contato com a natureza, durante as brincadeiras diárias nos quintais e jardins de sua própria casa. O prazer de brincar com a terra, subir em árvores, lidar diretamente com plantas e animais domésticos dava

à criança uma sensação de liberdade e aventura que a enriquecia e enrijecia para a vida.

A rápida urbanização das cidades, transformadas em poucos anos em verdadeiros labirintos verticais, pondo um fim às áreas verdes de lazer e aventura, mudou radicalmente a vida infantil e reduziu o mundo da criança a alguns metros quadrados de madeira e cerâmica.

Rompeu-se o contato direto com a natureza, desfez-se um mundo real de aventura e encantamento e, em troca, a tecnologia ofereceu à criança um quadrado luminoso que a fazia conhecer o mundo, não através de experiências pessoais vividas, mas por experiências alheias, passadas em lugares distantes e desconhecidos.

Não podendo viver a realidade apresentada a criança se introduz nela pelo sonho e pela fantasia e se torna completamente alheia à vida real e aos objetos que a circundam.

Daí a constante preocupação daqueles que lidam diretamente com a infância e que se sentem responsáveis pelo futuro modo de ser e de agir dessa geração televisiva. Além de apresentar uma realidade distante do contexto real da vida da criança, a TV apresenta também todos os problemas já solucionados de acordo com a hierarquia de valores dos adultos, indicando normas e padrões de comportamento que pretende ver assimilados pelo público infantil.

Apesar da supremacia do bem sobre o mal e dos finais arrumadinhos dos filmes importados, a TV oferece também uma oportunidade de aprendizagem da violência, das técnicas de agressão, dos ataques traiçoeiros, da astúcia e da falsidade, elementos que permanecem no subconsciente da criança, mesmo depois de cessada a exibição do filme. A aplicação destes conhecimentos poderá se dar quando aquela criança se encontrar, acidentalmente, em situações semelhantes àquelas apresentadas no vídeo.

A criança em idade pré-escolar visualiza os gestos, sem contudo, decodificar a mensagem e, muitas vezes, sem mesmo saber porque, sente necessidade de dar socos nos irmãos ou colegas para imitar o que viu na TV.

Os efeitos da agressividade estimulada pelo comportamento do herói e do anti-herói é uma das questões que mais preocupam os educadores. Até que ponto a criança assimila e incorpora ao seu comportamento as atitudes heróicas e violentas que lhe são transmitidas? A violência apresentada estimula seu desejo de agressão ou, pelo contrário, lhe causa repulsa e horror?

Procuramos em nosso questionário, através de perguntas simples e diretas, obter respostas que nos permitissem compor um quadro do ambiente familiar da criança, de suas preferências e da influência que ela mesma atribui à TV em sua vida.

RESULTADOS DA PESQUISA

Foram entrevistados 245 alunos, abrangendo a faixa etária de 7 a 15 anos, sendo 141 de sexo masculino e 104 do sexo feminino, pertencentes às turmas de 2º, 5º, 7º, e 8º séries do 1º grau do Colégio São Vicente de Paulo em Laranjeiras.

Não foi pedida a renda familiar, pois nos interessava mais o nível intelectual dos pais, e que foi obtido indiretamente através das profissões dos mesmos. Na maioria pai e mãe tem nível médio ou superior.

O número de aparelhos é mais do dobro do número de alunos: — 509 TV para 245 alunos, sendo 262 preto e branco e 247 coloridas, dando uma TV colorida por aluno. Em muitas casas existem 3 TV e em algumas 4 e até 5 aparelhos.

Dessas 208 estão na sala

234 nos quartos

23 na copa/cozinha

3 no quarto da empregada.

100 alunos tem o hábito de ver TV sozinhos; alguns destes vêem também em grupo como os outros 145 restantes.

40 costumam ver em companhia da empregada (dado interessante para ser associado a outros itens do questionário e compor o ambiente familiar).

214 escolhem por si mesmos os programas que desejam ver, apenas 31 tem os programas escolhidos pelos pais, 198 tem liberdade de ligar a TV quando desejam, 45 tem horário determinado pelos pais, 196 são autorizados a assistirem programas não permitidos pela censura.

47 não possuem essa autorização.

50% dos pais trocam idéias com os filhos sobre os programas.

O canal preferido é a Globo com 288 votos. Surpreendeu-nos e 2º lugar obtido pela TV Studios; em 3º a TVE e em último a TV Tupi.

38 alunos estudam vendo TV e 158 assistem TV enquanto fazem as refeições.

Quanto aos tipos de filmes preferidos a comédia alcançou o 1º lugar em todas as faixas etárias. Entre 13 e 14 anos o filme policial empatou também em 1º lugar.

Em 2º lugar vem os filmes de aventura exceto na faixa etária dos 7 a 8 anos cuja preferência recai em filmes sobre animais.

O policial ocupa o 3º lugar entre os 10 e 11 anos e entre os 14 e 15 anos. Para os de 7 e 8 anos o 3º lugar pertence aos desenhos animados e para os de 14 e 15 anos aos filmes sobre esporte.

Para não abordar todos os tipos de filmes diremos apenas que, em último lugar, figura o bang-bang, talvez pela distância da nossa realidade.

A média horária de assistência por dia é de 3 horas, tendo casos de 8 até 10 horas.

Quanto aos programas preferidos temos os humorísticos em 1º lugar em to-

das as faixas etárias, seguindo-se a música popular.

O Globo Repórter, entre os informativos, tem a preferência com 137 votos. Interessante observar que a turma de 7 a 8 anos não assinalou o telejornalismo. À medida que aumenta a idade, vai crescendo o interesse pelo telejornal e na faixa dos 14 anos ele é preferido por mais de 50% dos alunos.

As telenovelas são vistas por 199 alunos, mas 29 não assistem novela alguma. A TV é divertida para 192 alunos.

é informativa para 115.

é uma fonte de novidades para 86.

é companhia para 42.

e é violenta apenas para 24 (em 245 alunos).

Quanto a interferência da TV na execução dos deveres escolares 202 acham que ela não prejudica e apenas 41 reconhecem que o tempo que lhe dedicam é roubado aos estudos.

197 alunos gostam de ler; 43 não.

161 acham que a TV não substitui o livro; 56 acham que sim.

Por ordem de preferência:

— ir à praia: 106

— ir ao cinema: 79

— jogar futebol: 63

— ler: 52

— ver TV: 44

O que sente ao ver na TV os homens se destruindo:

— vontade de melhorar o mundo: 86

— horror: 59

— medo de viver num mundo tão mau: 24

— vontade de fazer o mesmo: 19

Quanto aos Comerciais: 111 prestam atenção 117 não.

151 não sentem necessidade de adquirir os produtos anunciados.

184 afirmam que não se sentem frustrados por não comprá-los.

Comercial mais votado: Comander, por causa da música.

Alguns comentários extras: — Você pensa que eu sou uma ignorante que acredita nas "mentiras" que vocês dizem por causa de interesses econômicos?

— A TV só quer meter idiotices na cabeça da gente.

— A TV é um veículo de alienação, uniformizando os hábitos.

CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA

Pelo número de aparelhos existentes, pode-se notar que a média é de 2 por residência e que a TV colorida, apesar do preço, já conquistou uma posição segura no mercado.

Nas casas onde existe apenas um aparelho a escolha de programas é feita pela maioria, o que pressupõe uma troca de idéias para apresentação das preferências e votação do programa a ser visto. Nesses casos a TV ainda funciona como catalizadora, pois, apesar de impedir a conversa, ainda reúne num mesmo ambiente os membros da família.

Caso bem mais grave é a colocação dos aparelhos individuais nos quartos, fato que isola completamente as pessoas, tornando-as mais vulneráveis à doutrinação da TV e ao envolvente apelo dos comerciais. Sem perceber, os pais que favorecem os filhos com um aparelho individual, estão colaborando para estimular o egoísmo, já que não há partilha nem renúncia em benefício da coletividade.

Além disso, estão empregando, inconscientemente, a velha tática de combate que consiste em dividir os combatentes para eliminá-los um a um. Isoladas em seus quartos, sem a possibilidade de comentários, nem nos intervalos comerciais, as crianças ficam inteiramente à mercê da violência exercida pela televisão e com facilidade se identificam com os personagens e se projetam nas situações apresentadas. Se em grupo o poder da TV já é poderoso, imagine-se com as crianças isoladas.

O fato de considerar a TV como companhia ou de ver TV com a empregada, aliado à livre escolha de programa, à falta de diálogo com os pais, denota, facilmente, a posição da criança de família abastada ou de pais constantemente ausentes e que buscam na TV junto com a empregada algo que satisfaça os sonhos e desejos irrealizados. Devido à carência afetiva elas se deixam dominar com maior facilidade pelo irreal e pela fantasia.

A preferência unânime pela comédia é um fator que tem várias interpretações: — pode ser sinal da alegria despreocupada da infância, — desejo de diversão sem compromisso, mas também uma fuga do real, já que, na comédia, as situações são absurdas, irreais e fantásticas.

Os filmes de animais ocupando o 2º lugar na faixa etária dos 7 a 8 anos, está bem de acordo com um dado psicológico que caracteriza essas crianças: é desejo de possuir um animal de estimação. Sentem-se portanto atraídas por qualquer estória em que um animal esteja envolvido. O repúdio ao bang-bang é justificado pela diferença total de realidades.

O 1º lugar dos humorísticos confir-

ma a preferência pelo gênero alegre e demonstra também o gosto pela sátira e pela gozação dos costumes e do dia-a-dia do povo brasileiro.

A curiosidade infantil e o desejo de conhecer melhor o mundo em que vivem se traduz na preferência pelo Globo Repórter.

O poder de atração das novelas é demonstrado pela alta porcentagem dos que as assistem. A maioria considera a TV divertida. Informativa para muitos, ela quase não é considerada violenta. Isso mostra que ou a criança não atribui à violência a importância que lhe concede o adulto, ou já está insensível a ela ou, sabendo que sendo apresentada em filmes não corresponde à realidade, permanecendo no domínio da ficção.

Confirmando a opinião de muitos psicólogos a TV não afeta os deveres escolares. O número reduzido que reconhece a sua interferência deve ter algum problema específico, anterior, que os prejudica nos estudos.

Pontos que merecem atenção: é muito grande a porcentagem dos que gostam de ler, dos que acham que a TV não substitui o livro e dos que, na ordem de preferência de atividades, colocam a TV em último lugar. Podemos concluir que as crianças se fixam na TV quando não tem oportunidade de opção.

Pelas respostas nos parece que a violência inspira horror e provoca uma grande vontade de tornar o mundo melhor.

Os comerciais não exercem grande atração e a maioria afirma que não sente necessidade de adquirir os produtos. Tal afirmação, entretanto, não nos parece verdadeira, pois o que se observa, sobretudo em relação a brinquedos e gulodicos, é um desejo premente de adquirí-los.

Os comentários extras demonstram, por parte de quem os emitiu, uma certa dose de senso crítico, fruto da troca de idéias com os pais.

Esses dados são um primeiro passo para a tarefa que nos propomos: pesquisar a influência da TV no comportamento social sobretudo no que se refere à criança.

A função pedagógica é inerente ao meio televisão. Boa ou má é evidente a existência de uma pedagogia que atua de modo direto na mente do telespectador. É muito cedo para se chegar a qualquer conclusão e as opiniões dos técnicos ainda são bem discordantes. Parece-nos necessário e urgente um estudo mais aprofundado dos efeitos da TV no comportamento social para que os comunicadores sociais tomem consciên-

cia da responsabilidade que lhes cabe como transmissores da mensagem e da influência que exercem no futuro das gerações.

“Bingo e Beneficência”

- Quando alunos e professores chegam à Escola, percebem que alguma coisa diferente está para acontecer no São Vicente.

Sente-se no ar e na fisionomia das senhoras mães de alunos, que entram e que saem, a expectativa de uma atividade não rotineira na Escola.

E, realmente, está-se preparando algo: o Bingo em benefício das obras sociais da Associação das Senhoras da Caridade.

Há quase 20 anos que esse espetáculo de arrecadação de fundos se repete, embora com algumas modificações. Já foram organizados chás, chá-bazar, chá-biriba, chá-desfile e, ultimamente, temos tido o bingo, que tanto agrada às pessoas que aderem a essas iniciativas.

Inúmeras foram as senhoras que, no correr desse tempo, ajudaram, cooperaram e dirigiram esse acontecimento. Atualmente, à frente do grupo que preparou o evento está a Presidente da Associação, Dalva Cássio do Nascimento, mãe de ex-alunos.

A verdade porém, é que esta nota não tem como objetivo apenas noticiar a realização do Bingo, mas de comunicar aos prezados leitores da “CHAMA” a existência desse movimento de mães de alunos do São Vicente, em benefício de pessoas mais carentes, às quais o grupo procura dar apoio material e espiritual. Nesse trabalho todos são necessários, todos podem ajudar, cooperar e para ele todos estão convidados.

A vantagem de se pertencer a um grupo que se preocupa com o “outro”, numa época em que o individualismo cresce dia-a-dia, se torna mais presente ao constatar-se que entre as participantes existe um ambiente de amizade, sinceridade, de ajuda mútua e de camaradagem. Algumas senhoras, que até então não se conheciam, tornam-se amigas com e por um mesmo ideal: doar àquele menos favorecidos um pouco do seu amor e do produto de seu trabalho. E esse amor o grupo leva aos velhinhos de asilos, às crianças da Creche São Vicente e até mesmo, a pessoas que não tendo possibilidade de se promoverem, são assistidas em suas moradias.

**ALGUMA DATA A COMEMORAR?
NÃO SE PREOCUPE. CHAME O**

ISIDRO



**Jantares — Recepções
Bebidas, Salgadinhos e Doces**



**E TODO O MATERIAL NECESSÁRIO
A SUA FESTA**

**Rua Davi Campista, 35 — Tels.: 226-5851 — 246-6685
Botafogo — Rio de Janeiro — RJ**

UM SERVIÇO DE BUFFET CLASSE A

Revestimentos de Interiores

Cortiça

Camurça

Vulcatex

Carpetes

Plavimural

Piso Formiplac

Papel de Parede

Paineis Fotográficos

MERCANT REVESTIMENTOS LTDA.

Rua Riachuelo, 330 F L J, 201 - Tels. 232-9324 - 232-6044 - 232-4119



a chama

IMPRESSO